

Imprensa ilustrada em Portugal no pós-Ultimato: um estudo de caso do periódico *Africa Illustrada* (1892-1893)

The illustrated press in Portugal after the Ultimatum: a case study of the periodical Africa Illustrada (1892-1893)

Bruna Oliveira Santiago

Doutoranda com bolsa de investigação
financiada pela FCT na Universidade Nova
de Lisboa, IHC* — NOVA FCSH
bruna.santiago@campus.fcsh.unl.pt
ORCID ID: [0000-0003-1778-7236](https://orcid.org/0000-0003-1778-7236)

* O IHC é financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projectos UIDB/04209/2020 e UIDP/04209/2020

Resumo: O presente artigo consiste em um estudo de caso do *Africa Illustrada*, um periódico que fez parte da história da imprensa ilustrada em Portugal durante a última década do século XIX. Tratou-se de um periódico semanal, editado por Henrique Dias de Carvalho e que circulou entre 1892 e 1893. O primeiro objetivo deste trabalho é entender até que ponto o periódico *Africa Illustrada* está relacionado à expedição do próprio Henrique Dias de Carvalho ao império da Lunda entre 1884 e 1888. Pretende-se verificar se o relato da expedição aparece tanto no texto quanto nas imagens do periódico em questão. O segundo objetivo, por sua vez, é avaliar em que medida o conteúdo do periódico foi importante para a valorização dos territórios africanos. A análise do conteúdo textual e visual possibilita identificar as pretensões da publicação, dentre elas informar o público leitor sobre um território para ele desconhecido, mas repleto de potencialidades. Além de divulgar relatos escritos e visuais da expedição ao Império da Lunda, o periódico contou com contribuições de outros autores e também outros viajantes que exploraram o território. Destaca-se sobretudo a importância da imagem, uma vez que elas tiveram um papel relevante na caracterização do território e dos povos que o ocupavam. A análise do *Africa Illustrada* e sua contextualização no meio editorial português permitem inferir como o periódico colaborou para o conhecimento do território colonial africano e sua valorização nos primeiros anos da década de 1890, no contexto do pós-Ultimeato.

Palavras-chave: imprensa ilustrada; colonialismo; África; Henrique Dias de Carvalho.

Abstract: This article consists of a case study of *Africa Illustrada*, a periodical that was part of the history of the illustrated press in Portugal during the last decade of the 19th century. It was a weekly periodical, edited by Henrique Dias de Carvalho and circulated between 1892 and 1893. The first objective of this work is to understand to what extent the periodical *Africa Illustrada* is related to Henrique Dias de Carvalho's own expedition to the Lunda Empire between 1884 and 1888. The aim is to verify whether the account of the expedition appears both in the text and in the images of the periodical in question. The second objective, in turn, is to evaluate to what extent the content of the periodical was important for the validation of the African territories. The analysis of the textual and visual content makes it possible to identify the intentions of the publication, among them to inform the reading public about a territory unknown to them, but full of potential. In addition to disseminating written and visual accounts of the expedition to the Lunda Empire, the periodical had contributions from other authors and other travelers who explored the territory. The importance of the images stands out above all since they played a relevant role in the characterization of the territory and the people who occupied it. The analysis of *Africa Illustrada* and its contextualization in the Portuguese publishing environment allows us to infer how the periodical contributed to the knowledge of the African colonial territory and its validation in the early 1890s, in the post-Ultimeatum context.

Keywords: illustrated press; colonialism; Africa; Henrique Dias de Carvalho.

Introdução

O século XIX foi marcado por inovações tecnológicas que provocaram mudanças na forma como o homem enxergava a sociedade. A crescente utilização de imagens na imprensa constituiu um dos fatores de transformação, pois alterou a maneira de perceber o outro e de conhecer novas realidades. O conhecimento em formato visual colaborou de maneira indelével para que as pessoas passassem a conhecer novos mundos, inclusive porque nesta época os níveis de analfabetismo eram elevados, portanto o meio visual consistia em um meio privilegiado para difusão de informações. Este ensaio pretende apresentar um estudo de caso da imprensa ilustrada em Portugal, nomeadamente o periódico *Africa Illustrada* (1892-1893),

do editor Henrique Dias de Carvalho. A razão pela qual o periódico foi escolhido para estudo de caso é o fato de ter sido um periódico ilustrado com temática relativa ao território africano, lançado no contexto pós-Ultimato.

A análise do conteúdo imagético e textual do periódico permite caracterizá-lo quanto ao conteúdo e sua finalidade como um repositório de conhecimentos sobre a África. O conhecimento do periódico e sua contextualização no meio editorial português permite inferir como ele colaborou para o conhecimento do território colonial africano e sua valorização nos primeiros anos da década de 1890, uma época em que as nações europeias disputavam territórios de influência em zonas de colonização.

Nos anos 1870, as potências europeias passaram a cultivar interesse pela África, principalmente devido às matérias primas que se podia extrair das terras africanas e à necessidade de expandir os mercados para fora da Europa. Até então, a presença de Portugal em África era legitimada pelos direitos históricos. Contudo, a Conferência de Bruxelas em 1876 sinalizou a contestação destes direitos por parte das demais nações que também reivindicavam seus territórios na corrida colonial. A disputa intensificou-se com a Conferência de Berlim em 1884, cujo principal resultado foi a consolidação do princípio da ocupação efetiva, além da atribuição de uma faixa territorial a cada nação interessada.

Foi na ocasião da Conferência de Berlim que os conflitos entre Portugal e Grã-Bretanha se tornaram cada vez mais acirrados. A proposta de Portugal era unir sob seu domínio as costas de Angola e Moçambique numa longa porção territorial, criando a África Meridional Portuguesa. Segundo Nuno Severiano Teixeira (1987), este projeto de Portugal ficou conhecido como “Mapa Cor-de-Rosa”. Em 1890, a tensão entre Portugal e Inglaterra ficou mais acentuada, quando a Inglaterra acabou por decretar o Ultimato a Portugal, para que este retirasse suas tropas dos territórios incluídos na faixa que se estendia de Angola a Moçambique.

Neste contexto do final do século XIX, a imprensa vivia um período de intenso crescimento. As revistas e jornais da época constituíram veículos de comunicação eficientes, pois portavam notícias sobre as disputas territoriais entre os países europeus em África. Era também o momento de difusão da fotografia e da publicação de imagens em meios impressos.

A primeira parte do ensaio consiste em uma contextualização da imprensa ilustrada em Portugal no fim do século XIX. Em seguida, é feito um estudo do periódico *África Ilustrada*, com a finalidade de compreender sua presença no meio editorial português e em que medida ele colaborou para a valorização do território africano.

Imprensa ilustrada no fim do século XIX: consolidação e contexto português

O século XIX, sobretudo as últimas décadas, pode ser considerado como o período de maior evolução da imprensa ilustrada na Europa e também em Portugal. As tecnologias gráficas, aliadas ao crescimento industrial, constituíram fatores que favoreceram o surgimento de periódicos com imagens.¹ Sobre as origens da imprensa ilustrada, Jean-Pierre Bacot (2002) estabelece que existem três gerações que caracterizam a ilustração da imprensa, cada uma relacionada ao surgimento de três periódicos de origem inglesa.² A primeira geração foi a imprensa de “conhecimentos úteis”, que se desenvolveu a partir de fatores como: educação, desenvolvimento das ferrovias e estratégias de difusão. Já a segunda geração começou a incorporar gravuras relacionadas a acontecimentos da atualidade. Por fim, a terceira geração consolidou a imprensa de atualidade a valores acessíveis para grande parte da população.

A imprensa ilustrada em Portugal, de acordo com Jorge Pedro Sousa (2018), seguiu os padrões que Bacot definiu para a imprensa ilustrada inglesa e francesa. Sousa (2017) estabelece três fases da imprensa ilustrada em Portugal. A primeira é composta por revistas ilustradas³ enciclopédicas e tem início em 1837 com a publicação de *O Panorama*. A segunda geração, por sua vez, inclui as revistas ilustradas de atualidades, como por exemplo *O Ocidente* e *Ilustração Portuguesa*, cujo modelo foi seguido em publicações do século XX. Por fim, a terceira geração dá destaque a acontecimentos da atualidade e foi a base para o fotojornalismo que se desenvolveu posteriormente.

Sobre o papel da imprensa periódica, com destaque à imprensa ilustrada, Leonor Pires Martins afirma:

As revistas e os jornais ilustrados, veículos através dos quais a disseminação de imagens sobre os domínios coloniais se fez de forma assídua e ideologicamente empenhada, foram determinantes nesse processo de representação e imaginação de Portugal para lá das suas fronteiras metropolitanas (Martins, 2012, p. 24).

Na época que se estende de meados até o fim do século XIX, a imprensa ilustrada, conforme estabelece Sousa (2017), foi marcada por uma fase de transição. As revistas ilustradas

1 Ao longo do século XIX, a presença das imagens nos periódicos ficou cada vez mais constantes, principalmente após a incorporação da fotografia.

2 *Penny Magazine* (1832), *Illustrated London News* (1842) e *Penny Illustrated Paper* (1861).

3 Jorge Pedro Sousa (2017) apresenta uma diferenciação entre jornal e revista. Segundo ele, a diferença fundamental entre ambos encontra-se no conteúdo. Enquanto o jornal tinha um caráter noticioso, a proposta da revista era de apresentar um conteúdo variado, focado em entreter o leitor com curiosidades, crônicas literárias, ensaios, dentre outros tipos de texto. Sousa considera ainda que a revista inaugurou a imprensa ilustrada, pois incorporou imagens aos conteúdos textuais.

deste período eram consideradas modelos híbridos, uma vez que mesclavam a divulgação de acontecimentos atuais com conteúdos culturais típicos da imprensa enciclopédica. Pode-se inferir que o *Africa Illustrada* seguiu tal modelo. A publicação similar que mais se destacou no mercado editorial foi *O Ocidente*, que foi a primeira a apresentar a realidade colonial ao público leitor.

A imprensa periódica serviu, assim, como um veículo alternativo, bastante mais acessível, para que outros públicos, de estratos sociais mais baixos ou sem hábitos de consumo de obras literárias consolidados, pudessem tomar contacto com a “África portuguesa”, tal como os exploradores a observaram e registaram. Os domínios ultramarinos do império português ganhavam, como nunca acontecera, uma forma inédita na imaginação dos portugueses, quer através das imagens criadas a partir das descrições feitas pelos exploradores, quer através das próprias gravuras que ilustravam os relatos e que apareceram, muitas delas, também disseminadas em vários periódicos (Martins, 2012, p. 45).

No contexto de disputa entre as nações europeias por territórios em África, as revistas ilustradas propiciavam ao público o acesso ao conhecimento sobre as colônias e acerca dos últimos acontecimentos relativos à corrida colonial. É então que surgem periódicos cujo foco é informar com relação às colônias. *O Ocidente*⁴ circulou entre 1878 e 1915 e foi uma das principais revistas ilustradas do período que fez circular imagens das expedições à África.

O crescimento e a expansão da imprensa periódica portuguesa convergiram, no tempo, com mudanças significativas ao nível da reestruturação da relação entre Portugal e os domínios ultramarinos, despoletadas pela emergência dos interesses expansionistas das grandes potências europeias em África e relativamente aos quais as elites dirigentes portuguesas se sentiram pressionadas a reagir. A atenção que a imprensa periódica portuguesa começa então a depositar nas matérias africanas deve ser vista, portanto, como um reflexo do ímpeto imperialista que, sensivelmente a partir dos meados da década de 1870, marca a atuação dos círculos políticos e intelectuais do país relativamente às questões do império (Martins, 2012, p. 28).

É sabido que outros países europeus também mantinham periódicos que versavam sobre o continente africano. Como exemplo concreto, tem-se uma citação feita no próprio periódico *Africa Illustrada* pelo seu editor, fato que evidencia um possível diálogo com as publicações congêneres de outras nacionalidades. Durante a seção de atualidades do Fascículo 33

4 A relevância d’*O Ocidente* se dá também no que se refere à produção gráfica. Diversos artistas tiveram sua formação no atelier de gravadores associado à revista. Artistas como Manuel Diogo Netto e Domingos Casellas assinaram muitas das imagens presentes no periódico *Africa Illustrada*, conforme se pôde verificar no presente estudo.

(1893), Henrique Dias de Carvalho⁵ menciona o periódico *L'Afrique explorée et civilisée*,⁶ caracterizando-o como “excelente revista”. Tal periódico foi editado mensalmente em Genebra entre 1879 e 1894, ou seja, circulou na mesma época do *Africa Illustrada*.

Outra citação de Dias de Carvalho, ao discorrer sobre o consumo da cola, é de um artigo sobre o Sudão francês de autoria do médico Dr. Rançon⁷ publicado no jornal francês *La Politique Coloniale*, de Paul Cousin, surgido em 1892. Também de 1892 é a revista *A Semana*, publicada em Benguela por Pedro Machado e referida por Dias de Carvalho como “interessante e bem redigida”. O *Africa Illustrada* apresentou aos leitores uma transcrição de um artigo d'*A Semana* sobre o comércio em Benguela no Fascículo 40 (1893).

Há indícios de que outros periódicos também se referiam ao *Africa Illustrada*. O *Ocidente*, nos anos de 1890 e 1892, por ocasião da publicação das primeiras obras decorrentes da expedição ao Muatiânvua, publicou na capa um retrato de Henrique Dias de Carvalho.

Para além da divulgação de resultados de expedições científicas e missões religiosas, as revistas conscientizavam o público leitor com relação à importância de ocupar a África com o fim de levar a civilização aos nativos e tirar proveito máximo dos ricos recursos naturais que ali havia. É com este propósito que Henrique Dias de Carvalho publica o periódico *Africa Illustrada* em 1892.

***Africa Illustrada* e os territórios coloniais**

O periódico *Africa Illustrada* encontra-se no acervo da Biblioteca Nacional de Portugal, na coleção Fundo Geral Jornais. A consulta dos 47 Fascículos pode ser realizada a partir do formato digitalizado.⁸ O primeiro Fascículo, lançado em 14 de agosto de 1892, traz logo na capa informações sobre o que o leitor encontrará na publicação: O “Arquivo de conhecimentos uteis”, assim definido no subtítulo, promete fornecer o leitor com “viagens, explorações, usos e costumes, commercio, industria, meteorologia, distincção de climas, produções, colonisação, movimento progressivo, indicações hygienicas e noticias da actualidade” (*Fascículo 1*, 1982, p. 7).⁹

O texto inicial explica a estrutura e os objetivos da publicação. Trata-se de uma coleção de 52 números¹⁰ com 8 páginas cada um, lançados sempre aos domingos. O custo de cada

5 Fascículo 33, 1893, p. 278.

6 Este periódico encontra-se digitalizado e pode ser consultado e baixado no endereço do E-Periodica: <https://www.e-periodica.ch/digbib/volumes?UID=aec-001>.

7 Fascículo 43, 1893, p. 352.

8 A coleção pode ser acessada no endereço <http://purl.pt/23725>.

9 A paginação referida aqui é relativa ao documento digitalizado, uma vez que no original nem sempre consta o número da página.

10 É importante ressaltar, todavia, que a coleção existente na Biblioteca Nacional de Portugal conta com apenas 47 fascículos encadernados.

publicação era 20 réis¹¹ e os assinantes¹² que completassem a coleção teriam direito a uma encadernação especial e, além disso, poderiam receber mapas como brinde.

Quanto ao conteúdo, era composto por textos e imagens que, em grande parte dos casos, dividiam a mesma página. Pode-se dizer que as imagens ocupavam um espaço significativo ao considerar a coleção como um todo. Segundo o editorial, seriam 416 páginas no total com um mínimo de 120 gravuras¹³. Na maioria das vezes, a imagem presente na página tinha a função de ilustrar o conteúdo textual apresentado, provavelmente como uma forma de facilitar o entendimento do leitor a respeito de informações que, para ele, eram pouco familiares. Os temas tratados estavam em consonância com os acontecimentos do momento, visando a preservação dos domínios portugueses em África:

Zelando os interesses das nossas possessões africanas, — como os leitores terão notado, — aproveitamos sempre dos assumptos que mais estão chamando a atenção publica, no desejo de elucidar, segundo o nosso modo de vêr e como sabêmos, sobre esses assumptos (*Fascículo 33*, 1893, p. 271).

Existem indícios de que havia estreita conexão entre o conteúdo do relato da expedição e do periódico, tanto imagético quanto textual. No *Fascículo 34* (1893), podem ser verificados dois exemplos de cópias das imagens fotográficas oriundas da expedição ao Muatiânvua,¹⁴ conforme se verifica nas figuras seguintes.

-
- 11 Os assinantes poderiam pagar por fascículo, por mês ou por trimestre e a decisão deveria ser devidamente declarada.
- 12 O editorial destaca que, para ser considerado assinante, o indivíduo deveria fazer o pagamento de cada edição lançada.
- 13 As imagens estavam presentes até mesmo na parte textual da revista. De forma geral, um detalhe gráfico em forma de vinheta iniciava o texto. A vinheta era um estilo corriqueiro para dar início ao conteúdo textual e, na massiva maioria dos casos presentes na documentação aqui analisada, as ilustrações guardavam relação direta com o conteúdo textual que se apresentava a seguir, provavelmente como uma forma de envolver o leitor logo no início do texto.
- 14 Junto à publicação da narrativa de viagem, foi publicado também um álbum com 287 fotografias com legendas manuscritas. A Sociedade de Geografia de Lisboa realizou uma exposição sobre a expedição de Henrique de Carvalho. O álbum de fotografias pode ser acessado através do seguinte link: <http://purl.pt/23746/1/index.htm>.



Figura 1
Ilustração da Villa do Dondo
Fonte: Africa Illustrada, Fascículo 34 (1893)

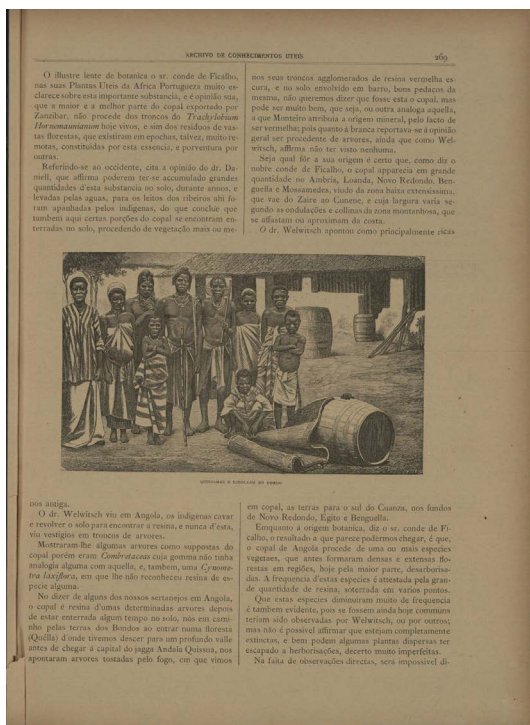


Figura 3
Ilustração dos Quissamas e Libollos
Fonte: Africa Illustrada, Fascículo 34 (1893)



Figura 2
Fotografia da Villa do Dondo
Fonte: Álbum da Expedição de Henrique Dias de Carvalho, fotografia 129

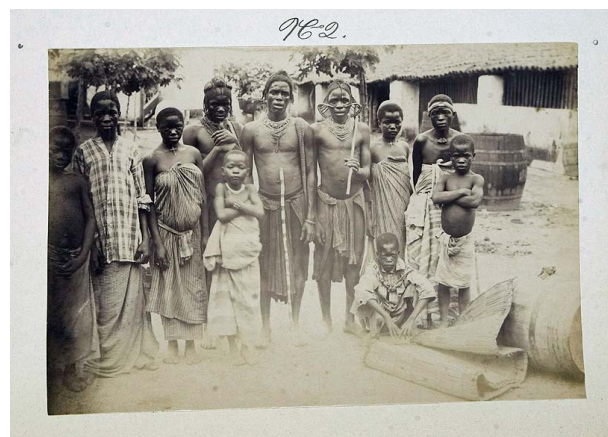


Figura 4
Fotografia dos Quissamas e Libollos
Fonte: Álbum da Expedição de Henrique Dias de Carvalho, fotografia 213

As imagens procuravam abarcar variados temas relativos a uma cultura desconhecida, que deveria ser vista e apreendida pelo público leitor. Conforme os exemplos mostrados acima, infere-se que tanto locais quanto pessoas estavam retratados no periódico. As ilustrações utilizavam como base as fotografias produzidas durante a Expedição de Henrique Dias de Carvalho ao Império da Lunda.

Grosso modo, as imagens das regiões africanas de influência ou de soberania portuguesa que foram difundidas ao longo do último quartel do século XIX revelam uma preocupação em retratar esses territórios nas suas diferentes feições, o que tanto incluía sua geografia e topografia físicas — dando-se assim conta de aspectos relacionados com o relevo da paisagem, a hidrografia, a fauna e a flora locais —, quanto a sua ocupação humana (...). É a ideia de uma África romântica e aprazível, de um território repleto de potencialidades económicas ainda pouco exploradas, enfim, de uma paisagem virginal que se mostra disponível à intervenção alheia, que surge transmitida através destas várias imagens (Martins, 2012, p. 94).

A mensagem inicial do editor traz indícios sobre o objetivo do periódico quanto ao público leitor: artistas, operários e classes trabalhadoras. A venda era feita em Lisboa nas principais livrarias, tabacarias e quiosques, além de poder ser realizada também no próprio escritório do editor¹⁵. Nas outras cidades e províncias, seria anunciado o local de venda nos respetivos jornais pertencentes a cada localidade. Existem também indicações de que havia circulação fora de Portugal: nas ilhas, na América, em outros lugares da Europa e mesmo em África. O editor, ao falar dos anúncios mensais, dirige o recado aos comerciantes que queriam fazer conhecer seus estabelecimentos por meio dos anúncios que circulariam nas páginas do periódico.

O século XIX foi palco de expedições geográficas e missões religiosas destinadas ao desconhecido continente africano. Em Portugal, teve papel fundamental a Sociedade de Geografia de Lisboa, criada em 1876 com o principal objetivo de alertar os portugueses para as questões coloniais. A SGL foi responsável por iniciar as viagens de exploração à África. No período compreendido entre 1877 e 1886, diversos viajantes cruzaram os territórios na faixa territorial localizada entre Angola e Moçambique. As expedições mais conhecidas são as de Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens e de Alexandre de Serpa Pinto.¹⁶

Desta forma, o estímulo à ocupação do território africano por parte dos portugueses

15 Localizado na Rua da Junqueira, 1.

16 Os três exploradores iniciaram uma expedição à África em 1877. Porém, devido a divergências sobre a continuação, Hermenegildo Capelo (1841-1917) e Roberto Ivens (1850-1898) separaram-se de Serpa Pinto, pois queriam concentrar-se nos territórios portugueses, enquanto Serpa Pinto tinha a intenção de atravessar o continente até chegar a Moçambique.

parece ser um resultado visado por Henrique Dias de Carvalho ao apresentar a cultura africana em seu periódico. As informações veiculadas fariam jus ao conhecimento acumulado ao longo de anos de expedições e viagens de reconhecimento em África. Conhecimentos sobre o clima, as regiões e às áreas de maior aproveitamento comercial deveriam ser considerados pelos portugueses:

Abilitémos devidamente o nosso povo, com os conhecimentos practicos que têmos de Africa; Apontêmos-lhe as características de cada uma das suas regiões, tanto no que respeita ás influencias atmosphericas como ás do solo; façâmos sentir a cada uma das especialidades da actividade humana, as localidades que lhes podem offerecer maiores vantagens e, como devem regular-se na modificação do seu organismo em quanto iniciam os trabalhos da exploração a que se dedicam; não lhe occultêmos os erros do passado para que os evitem, enfim, aproveitêmos os trabalhos de todos os nossos exploradores, feitos á custa de tantos sacrificios, ainda desconhecidos para a maioria do nosso povo, e cujas publicações dispendiosas pezam, amontoadas, nos archivos officiaes e ahi se hão de inutilizar com o tempo (*Fascículo 16*, 1892, p. 135).

É neste contexto que ocorre a expedição de Henrique Dias de Carvalho ao império Lunda¹⁷, em 1884. Segundo Martins (2012), a expedição de Henrique Dias de Carvalho tinha um carácter distinto das expedições anteriores, que tinham finalidade de explorar a geografia do interior do continente africano. As orientações dadas a Dias de Carvalho tinham como objetivo o restabelecimento de relações comerciais com o império da Lunda, já que as rotas de comércio de produtos como marfim, cera e borracha estavam fugindo do controle dos portugueses. É importante ressaltar que a expedição também visava a preparação para o estabelecimento de portugueses na região. O periódico *Africa Illustrada* reflete esta preocupação com a necessidade de ocupação do território colonial:

Nós felizmente podemos asseverar que possuímos regiões em Angola que devidamente preparadas pelos trabalhadores africanos sob direcção europeia, nessas se podem estabelecer com vantagens as familias dos nossos pequenos lavradores metropolitanos, aquellas que directamente trabalham na terra e d'ellas necessariamente provirão os futuros povoadores da raça branca nas terras de Angola (*Fascículo 7*, 1892, p. 64).

17 O território do império Lunda, cuja Corte era Mussumba, corresponde atualmente à atual República Democrática do Congo.

O militar Henrique Dias de Carvalho tem diversas outras publicações sobre a África¹⁸. No campo da imprensa, o *Africa Illustrada* não foi o único periódico de propriedade de Dias de Carvalho. Em 1883, um ano antes da expedição ao Muatiânvua, ele publicou um periódico intitulado “Colónias Portuguesas”,¹⁹ que circulou de 1883 a 1891. As publicações da época, sobretudo os periódicos ilustrados, contribuíam para divulgar conhecimentos sobre a África.

Um dos temas que mais terá cativado os leitores d’ *O Ocidente* terá sido o das expedições portuguesas em África, protagonizadas por Capelo e Ivens, Paiva Andrade, Serpa Pinto, Henrique de Carvalho e outros, que alimentavam a imaginação ao mesmo tempo que animavam os leitores, cujo orgulho nacional tinha sido beliscado pelo Ultimato inglês de 1890 (Sousa, 2017, p. 321).

Não obstante, Martins (2012) estabelece uma diferença no que se refere à divulgação das expedições à África. Enquanto Capelo e Ivens e Serpa Pinto tiveram grande notoriedade na imprensa ilustrada da época, Dias de Carvalho recebeu destaque somente em 1890, o ano em que suas obras sobre a expedição foram publicadas.

A edição do relato de viagem de Henrique de Carvalho ocorreu entre 1890 e 1894. Foi justamente neste período que o periódico *Africa Illustrada* teve sua primeira aparição no mercado editorial. O próprio editor afirma, logo no Fascículo inaugural, que o material publicado aproveita o que já consta em “Expedição Portuguesa ao Mauatiânvua” e também utiliza fragmentos de relatos publicados por outros viajantes.

A revista, portanto, não só publicava textos de autoria própria, mas também textos informativos ou cartas enviadas à redação. A transcrição da carta redigida pelo administrador colonial José Joaquim D’Almeida sobre o rei africano Gungunhana veio acompanhada de um agradecimento e de uma palavra de encorajamento a textos que valorizassem o território português em África:

18 L’ influence de la civilisation et de la colonisation latine et surtout portugaise en Afrique, Lisbonne: Imp. Franco-Portugaise, 1889; O Lubuco: algumas observações sobre o livro do Sr. Latrobe Bateman intitulado The first ascent of the Kasaï, Lisboa: Imprensa Nacional, 1889; Ethnographia e história tradicional dos povos da Lunda, Lisboa: Imprensa Nacional, 1890; A Lunda ou os estados do Muatiânvua dominios da soberania de Portugal..., Lisboa: Adolpho, Modesto, 1890; Methodo pratico para fallar a lingua da Lunda contendo narrações historicas dos diversos povos, Lisboa: Imprensa Nacional, 1890; As Colonias portuguesas: revista illustrada, Lisboa: Typ. de Christovão A. Rodrigues, [1883]-1891; Expedição portugueza ao Muatiânvua: metereologia, climatologia e colonização: estudos sobre a região percorrida pela expedição comparados com os dos benemeritos exploradores Capello e Ivens..., Lisboa: Typ. do Jornal As Colonias Portuguezas, 1892; Descrição da viagem à Mussumba do Muatiânvua, Lisboa: Imp. Nacional, 1890-1894; Lunda portugueza: situação actual, impreterivel necessidade da sua occupação, Lisboa: Comp. Geral Typ. Ed., 1895.

19 O periódico era de propriedade do próprio Dias de Carvalho e os diretores e redatores eram, além dele mesmo, G. D. Pessoa Allen e Manuel Ferreira Ribeiro. A Biblioteca Nacional de Portugal digitalizou parte dos fascículos, que estão disponíveis no endereço <http://purl.pt/23724/3/>.

Agradecendo ao nosso bom amigo o favor com que nos honrou, e, porque muito interessa aos nossos leitores esclarecerem-se sobre a valia do que Portugal possui na vasta região que tão bem conhece e como ninguém a pode descrever, sempre que esteja disposto têm os seus excelentes artigos, acolhimento neste Archivo (*Fascículo 10*, 1892, p. 91).

O contexto posterior à expedição de Henrique de Carvalho foi de enfraquecimento das bases do liberalismo e de tensão entre Inglaterra e Portugal, que disputavam territórios de influência no continente africano. Em 1890, a Inglaterra impôs um ultimato a Portugal com relação aos domínios em África. A autora Márcia Cristina Pacito Fonseca Almeida (2015), em sua dissertação de mestrado, destaca que o início da publicação das obras de Henrique de Carvalho estava de acordo com as pretensões de Portugal com relação à legitimidade de sua presença na África Centro-Occidental, para se posicionar frente às demais nações europeias.

Cada um tem pensado apenas, nos seus próprios interesses não lhes importando os da nacionalidade; e os governos não teem tido a força precisa para bem dirigirem os d'esta, embora prejudicando aquelles, e d'ahi, a desorientação com que temos caminhado em Africa e a nossa péssima e triste situação perante os visinhos europeus estrangeiros que estão tirando todo o partido e progredem á custa d'essa desorientação (*Fascículo 23*, 1893, p. 192).

A mobilização da opinião pública seria um forte elemento para reforçar a presença ativa de Portugal no território colonial. Para isso, Henrique de Carvalho reitera a importância de se conhecer a realidade africana. O conhecimento sobre o território africano é um dos motes do periódico, já que na edição inaugural ele se define com um repositório de conhecimentos úteis sobre o continente africano, “que devem ser do dominio dos individuos de ambos os sexos de todas as classes da sociedade seja qual fôr a sua profissão desde que principiam a instruir-se” (*Fascículo 1*, 1892, p. 2).

A mensagem dirigida aos assinantes por parte do editor, Henrique de Carvalho, evidencia a intenção de “concorrer para a vivificação das nossas colonias africanas” (*Fascículo 1*, 1892, p. 3), a fim de fazer com que a emigração seja direcionada ao território colonizado ao invés de territórios estrangeiros, o que seria possível a partir do conhecimento dos costumes e da cultura do continente africano:

Este assumpto, colonisação de raça portugueza em Africa, se nao interessa a particulares, deve muito preocupar a nacionalidade, e os governos precisam impôr-se para se aproveitar do que nos resta de bom, nas nossas possessões africanas para esse fim, e da grande emigração expontanea mensal da nossa metropole e ilhas, para os paizes em que se lhe affigura encontrar trabalho de que carecem (*Fascículo 36*, 1893, p. 296).

Do início ao fim do periódico *Africa Illustrada*, Henrique Dias de Carvalho procurou promover a valorização do vasto território de Portugal no continente africano. O fim do século XIX foi marcado por intensas disputas entre as nações europeias por zonas de influência na África. Neste contexto, Portugal deveria garantir que suas possessões fossem conservadas. O “acervo de conhecimentos uteis”, ao prover o público leitor de informações sobre as colônias, visava estimular a emigração e o comércio em África.

Temos é certo delimitadas as nossas possessões d’Africa, mas não quer isto dizer que vamos dormir sobre o caso; precisamos pelo contrario estar vigilantes, hoje mais do que nunca, para não perdermos d’aqui a alguns annos esse pouco que nos resta e tanto nos custou a conservar. Uma das principaes cousas que temos a fazer, é reconhecer geographicamente todas as regiões do nosso ultramar africano, explorando sem espalhafatos nem ostentações ruidosas o interior de Angola e de Moçambique (*Fascículo 17*, 1892, p. 145).

Além chamar a atenção para a função das autoridades no impedimento dos avanços estrangeiros, Dias de Carvalho apela também à iniciativa particular que, segundo ele, poderia agir paralelamente ao governo com o fim de proteger o grande território africano sob domínio de Portugal:

Ninguem melhor do que o actual ministro do ultramar, com o sua autoridade, pode, fazendo-se acompanhar da iniciativa particular, frustrar a invasão de extranhos que nos pertendem roubar territorios bons, na grandeza superior a 2 vezes e meia o de Portugal e faze-lo valorizar devidamente, e, nessa esperança, nós continuaremos na propaganda do fim da *Africa Illustrada* (*Fascículo 26*, 1893, p. 217).

Com o propósito de valorizar as possessões ultramarinas de Portugal, infere-se que a publicação *Africa Illustrada* engajou-se na divulgação de informações sobre a cultura e as potencialidades do continente africano. Assim, o público leitor pôde ter contato com os territórios quase desconhecidos por meio dos textos e imagens que circularam semanalmente em 1892 e 1893.

Conclusões

A publicação do periódico *Africa Illustrada* encontra-se inserida nos esforços por parte da monarquia portuguesa para fazer-se presente no território africano. Por meio do conteúdo informativo, entre textos e imagens com ricas descrições, o público leitor pôde ter contato com experiências dos viajantes, costumes dos povos africanos e atualizações das missões europeias em África.

A data da publicação do relato de viagem de Henrique Dias de Carvalho à região da Lunda coincide com o período no qual a revista *Africa Illustrada* foi publicada, o que colaborou para a divulgação mais ampla e de mais fácil acesso dos resultados da expedição. O formato de periódico ilustrado com variados assuntos era mais palatável para o público leitor e, portanto, havia maior difusão das informações ali contidas.

A presença das ilustrações, além de atrair o público leitor, atuou lado a lado com o conteúdo textual, a fim de auxiliar na apreensão e compreensão de uma realidade desconhecida, mas que deveria ser de conhecimento de todos para melhor aproveitamento dos prolíficos recursos ao alcance dos portugueses interessados na prosperidade nacional.

Lançado num contexto de intensa exploração do continente africano por parte da Europa, o *Africa Illustrada* compôs o arsenal ideológico que ajudou Portugal a mobilizar a opinião pública com relação à importância de ocupar os territórios coloniais em África. A revista, portanto, configura-se como um meio de conhecimento do vasto território africano, conhecimento este que seria indispensável para a valorização do território e a consolidação do domínio colonial, o que acarretaria em largos benefícios para a metrópole.

Referências bibliográficas

- Almeida, M. (2015). *Expedições e narrativas de viagem sobre a África Central (segunda metade do século XIX)*. In: Almeida, M. *Comércio, bens de prestígio e insígnias de poder: as agências centro-ocidentais africanas nos relatos de viagem de Henrique de Carvalho em sua expedição à Lunda (1884-1888)*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade de São Paulo, pp. 35-74.
- Bacot, J. (2002). Trois generations de presse illustrée au xixe siècle. Une recherche en patternité. In *Réseaux*, 1 (111), pp. 216-234. www.cairn.info/revue-reseaux1-2002-1-page-216.htm
- Carvalho, H. (1892-1893). *África Illustrada: arquivo de conhecimentos uteis*. V. 1, fasc. 1 (14 Ago. 1892) — fasc. 47 (1893). <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/catbnp/94979>
- Freudenthal, A. (2001). Voz de Angola em tempo de ultimato. In *Estud. afro-asiát.*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, pp. 135-169. www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2001000100006&lng=en&nrm=iso
- Martins, L. (2012). *O Império de Papel: imagens do colonialismo português na imprensa periódica ilustrada (1875-1940)*. Edições 70.
- Pakenham, T. (1991). *The Scramble for Africa*. Abacus.
- Rafael, G. (org.); Santos, M. (coord.). *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. (1998-2002). Biblioteca Nacional.
- Santos, M. (25 dez. 1994) Ultimatum, espaços coloniais e formações políticas africanas. In *África*, n. 16-17, pp. 67-99.
- Sousa, J. (2018). *O jornalismo iconográfico em Portugal na viragem do século XIX para o XX: O Ocidente (1875-1915)*. Coleção Livros ICNOVA. <https://run.unl.pt/handle/10362/65670>
- Sousa, J. P. (2017). *Veja!: nas origens do jornalismo iconográfico em Portugal: um contributo para uma história das revistas ilustradas portuguesas, 1835-1914*. Media XXI: Formalpress-Publicações e Marketing.
- Sousa, J. P. et al. (org.) (2014). *A history of the press in the portuguese-speaking countries*. Media XXI.
- Teixeira, N. (1987). Política externa e política interna no Portugal de 1890. In *Análise Social*, v. XXIII (98), pp. 687-719.
- Tengarrinha, J. (2013). *Nova História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Temas e Debates: Círculo de Leitores.
- Tengarrinha, J. (1989). *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Caminho.